

**XAQUÍN NÚÑEZ SABARÍS. *Cartografías da narrativa galega contemporánea.***

Vigo: Editorial Galaxia, 2020, 168 pp.

**EUNICE RIBEIRO\***  
eunice@elach.uminho.pt

Distinguido com o prestigiado prémio de ensaio Ramón Piñeiro 2019, *Cartografías da narrativa galega contemporánea* de Xaquín Núñez Sabarís traz aos estudos humanísticos uma perspetiva renovada de aproximação à literatura (e não só à literatura galega): uma perspetiva expandida, por assim dizer, não a olhando enquanto manifestação isolada, mas, pelo contrário, inserindo-a numa vasta malha de manifestações artísticas e criativas e numa dinâmica cultural mais ampla que nos permite reconhecer diversos processos e agentes de mediação literária, condicionando indelevelmente o modo como procuramos, como lemos e como interpretamos os textos. E também, por sua vez, como esses textos condicionam ou modificam a nossa perceção do contexto em que eles e nós nos movemos. Na verdade, estas *Cartografías*, com as suas mais de centena e meia de páginas dadas à estampa pela editora galega Galaxia, é desde logo um livro ousado por três razões fundamentais: antes de mais porque se propõe pensar o presente, ao refletir sobre a literatura galega destas primeiras duas décadas do século XXI, com a pouca distância crítica e os escassos suportes de trabalho que a leitura do que é novo ou novíssimo necessariamente implica, mesmo se o ensaísta recorre aqui, como seria de esperar, a estudos anteriores sobre a narrativa galega (tais como os de

González Millán, Dolores Vilavedra ou Antón Figueroa). Em segundo lugar, porque aposta numa radical mudança de perspetivas de análise, contrapondo às mais tradicionais aproximações históricas e diacrónicas da literatura – permeáveis ao ‘relato da nação’ e à configuração de uma identidade político-cultural e histórico-regional que tem sido especialmente cara à literatura galega – uma abordagem predominantemente geográfica, alinhada com o recente *spatial turn* dos estudos literários e a crescente importância das cidades nos circuitos e no turismo culturais dos nossos dias. Uma abordagem que o livro marca imediatamente: quer no seu título, quer na sua capa (uma topografia atlanticamente azul de letras e sinais), quer ainda no seu ‘apêndice gráfico’ final, reproduzindo vários mapas e *story maps* de narrativas literárias, e não só. Isto porque, em terceiro lugar, como antes referi e como aliás insiste o próprio autor, neste livro se pensa a partir da literatura, mas também para além da literatura.

Na verdade, o ensaio de Xaquín Núñez adota um olhar eminentemente intermedial e transmedial sobre os objetos literários disposto a trazer à luz os inúmeros e regulares trânsitos de temas, representações e processos narrativos entre diferentes sistemas comunicativos e diferentes materialidades. Em concreto: os

---

\* Professora catedrática, Universidade do Minho, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0003-2199-5265

da literatura, os das artes cénicas, os do cinema, os das séries televisivas, os da investigação jornalística. Trânsitos que ocorrem não só numa única direção (habitualmente da literatura para meios não literários, como os múltiplos casos de adaptação aos ecrãs de romances e obras literárias), mas que podem ser bidirecionais ou multidirecionais, com casos de ‘novelização’ ou ‘romancização’ de filmes ou séries de televisão, tal como é aliás exemplificado no livro. Desenvolvido, como o autor tem querido lembrar, no âmbito do Grupo de Investigação em Identidade(s) e Intermedialidade(s), do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, o estudo de Núñez Sabarís convoca orientações epistemológicas, instrumentos e ferramentas de análise que passam necessariamente pelas poéticas comparadas entre diferentes média e pelos atuais Estudos Intermediais Comparados (*Intermedial Comparative Studies*), aptos para pensar as práticas criativas da contemporaneidade. Práticas essencialmente híbridas, resultantes de colaborações e cruzamentos entre autores e artistas de ofício múltiplo; de transposições e montagens entre objetos provenientes da cultura erudita ou da popular; da emergência de novos géneros e novos repertórios ‘mistos’ ou ‘impuros’. Por outro lado, o volume agora editado não é um resultado isolado: com efeito, integra uma pesquisa bastante mais ampla do autor no domínio das narrativas e das micronarrativas multimedias ou hipermediais, em particular as hispânicas, que deu já lugar à elaboração de uma base de dados, à colaboração em projetos internacionais e à coordenação de um recente projeto sobre representação, identidade e ação cultural nas cidades do Eixo Atlântico.

Regressemos ao volume que temos em mãos. A ficção em mapas cartografada no livro, apoiando-se metodologicamente nos conceitos de campo e de sistema, literário e cultural, põe em evidência três casos e

três géneros narrativos com progressiva implantação e legitimação no sistema literário galego do séc. XXI e que o autor categoriza (sem entrar em discussões teóricas de fundo) sob as designações de: *thriller* religioso, novela negra e narcoficção. Cada um destes géneros, que conhecem uma expressão não circunscrita à literatura, mas alargada ao teatro, ao cinema, ou às séries televisivas, são ambientadas em geografias distintas e específicas: Santiago de Compostela, no primeiro caso; Vigo, no segundo caso; e as Rías Baixas, na costa oeste da Galiza, no último caso. Trata-se, portanto, partindo deste triplo *case study*, de convidar o leitor para trilhar uma inovadora rota de navegação geoliterária que associa identidades de género (textual) e identidades de lugar (topográfico), e, a partir daí, se propõe tirar conclusões críticas mais genéricas. Uma estratégia que, de certo modo, recupera metaliterariamente um importante preceito da arte realista: o da imprescindível adequação entre ação e espaço, capaz de assegurar aos olhos do leitor uma reconfortante coerência e conveniência narrativas, oferecendo-lhe a caução da verosimilhança e produzindo um apetecido ‘efeito de real’.

Não é por acaso, aliás, que a poética geoliterária cartografada por Núñez Sabarís, ao fazer corresponder um certo género narrativo a uma cidade ou a um espaço específicos do mapa real da Galiza, traduz simultaneamente uma ‘nova’ orientação criativa da ficção contemporânea galega, menos autocentrada e preocupada com a consolidação de um sistema literário e de uma identidade próprios, e mais permeável às aspirações de um público que procura o entretenimento e experiências mais participativas e imersivas de leitura. A possibilidade de identificar os espaços ficcionais, associando-os aos espaços empíricos – estratégia muito comum no caderno de encargos do Realismo de Oitocentos,

conforme observámos – permite mais facilmente ao leitor-consumidor transferir-se virtualmente para os cenários da ficção, que deixou também de ser estritamente literária e passou a contar com a concorrência de expressões transmediais diversas (entendendo-se aqui por transmedialidade a publicação em diferentes meios de textos ou obras), o que se tornou um sintoma da nossa atual cultura de convergência (Jenkins)..

O ensaio de Núñez Sabarís põe argutamente em evidência as tensões e mutações sistémicas que decorrem da incidência do fator económico, da indústria global e das lógicas do mercado sobre os repertórios criativos e artísticos. O que, como bem analisa o ensaísta, se pode conduzir a uma redução da autonomia da arte e a um condicionamento da liberdade criativa, poderá também, por outro lado, projetar a criação artística (galega, neste caso) na paisagem internacional e abri-la a um consumidor global que se interessa pelo conhecimento de outros espaços culturais e demonstra comportamentos inclusivos, voltados para o coletivo, sem cair necessariamente num exotismo ou folclorismo totalmente desajustados ao olhar e à ética cultural contemporâneos. Cabe assinalar, por conseguinte, que este modelo expansivo não tem de ser necessariamente incompatível com o acolhimento de conteúdos culturais específicos: *entre lo uno y lo diverso*, escreveu Claudio Guillén...

O interesse internacional pela peregrinação jacobea, convertida num fenómeno cultural e turístico de grande alcance, bastaria para demonstrá-lo, conforme argumenta o ensaísta. A ideia de uma Compostela mágica e mística, carregada de lendas e mistérios tem sido o pano de fundo de várias histórias de suspense na literatura e no cinema (aqui também com casos de adaptação cinematográfica de textos literários), incluindo o cinema de animação, de larga aceitação no mercado. O presente ensaio

ilustra com vários ‘casos’ e incursões críticas pelas tramas e enredos que mostra conhecer de perto esta vasta cartografia transmedial do *thriller* religioso compostelano. Nomes de autores e realizadores alinham-se nesta amostragem dos novos cultores do género no espaço galego: Suso de Toro, Carlos Meixide, Vidal Bolaño (ficcionistas e dramaturgos); Xavier Villaverde, Fernando Cortizo (realizadores). Confirma-se: *Cartografías da narrativa galega contemporânea* é um livro sobre livros, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um livro sobre filmes, peças de teatro, séries televisivas, relatos jornalísticos. Importa ainda destacar um outro aspeto, teórico, que o ensaio traz à discussão a propósito do *thriller* jacobeu contemporâneo: o da revitalização e reformulação da categoria do ‘fantástico’ narrativo na sua relação quer com a tradição e a construção de uma identidade geracional e regionalista no espaço galego (associada a mitologemas de ruralidade e sobrenaturalidade), quer com a absorção de modelos narrativos globais de amplo sucesso (a exemplo dos utilizados nos romances de Umberto Eco ou Dan Brown) e de um tipo de fantástico ou neofantástico pós-moderno favorável à projeção internacional da geografia literária de Compostela, arrecadando-lhe idêntica popularidade. Uma popularidade que, do ponto de vista extrínseco ao dos próprios textos, se veio a exponenciar com a criação de editoras especializadas no género (*e.g.* Editorial Urco), de prémios e concursos literários, de clubes de leitura, ou com a promoção turística e cultural dos Caminhos de Santiago como rota de peregrinação – uma promoção cujo grande sucesso resultou na expansão, fora da Galiza e de Espanha, do reportório ficcional dos Caminhos (recordemos, com o autor, o livro *Diário de um Mago*, de Paulo Coelho ou o filme *The Way*, de Martin Sheen). Esta necessidade ou vontade de afirmação global da produção artística galega fica, aliás, bem patente num curioso comentário de Carlos

Meixide citado no ensaio de Núñez Sabarís e que aqui de novo reproduzimos:

Hai que evitar seguramente o adxectivo de ‘galega’. Escribimos en galego porque somos galegos, pero non nos teñen que ler por estar en galego, senón por facer literatura divertida, neste caso. Hai que explorar novas maneiras de facer. (p. 58)

Essas novas maneiras marcarão também a segunda cartografia literária observada no livro do ensaísta: a do género policial ambientado na cidade de Vigo e já categorizado sob a etiqueta de ‘novela negra viguesa’ ou *Vigo noir*, um género cujo marco inaugural se reconduz consensualmente à obra de Carlos Reigosa *Crime en Compostela*, ainda em finais do século XX. A explosão e legitimação contemporâneas do *noir* viguês, que volta a tirar partido da associação da temática do crime e do delito ao espaço urbano, recolhe múltiplos exemplos literários apontados e analisados no ensaio: como os de Domingo Villar, Pedro Feijoo, Francisco Castro, Manuel Estéban, Beto Luaces ou Leticia Costas (esta última a ilustrar um caso, menos frequente, de autoria feminina). A adequação da cidade portuária de Vigo aos arquétipos tradicionais do policial (segundo um modelo iniciado pela novela negra localizada em Barcelona) permitiu transformar o género em mais um exemplo de exportação e de consumo massivo, potenciado por adaptações cinematográficas de romances – ainda que, no caso dos filmes, como bem observa o ensaísta, as marcas espaciais da narrativa sejam por regra diluídas a favor das intrigas, ingrediente mais produtivo e rentável para propósitos comerciais. Realcem-se aqui os vários e muito finos comentários de Núñez Sabarís ora em torno das personagens-tipo do detetive e do seu ajudante, espécie de *flâneurs* pós-modernos acolhidos pelo policial viguês e onde a inclusão de polícias e inspetoras femininas anuncia uma inovadora declinação do género; ora em torno dos

mecanismos narrativos utilizados pelo policial visando atrair um público escolar que procura nessa espécie de *city-quizz*, através de mapas, roteiros e informação gráfica inserida nos livros (ou videojogos), a aventura e o entretenimento; ora comentários que tocam o frequente aproveitamento sociológico do policial galego contemporâneo como meio de denúncia e de exposição de conteúdos sociais (como o abuso de menores ou a violência machista). Para além destas agudas análises, o ensaísta detém-se, ilustrando a possível bidirecionalidade das interferências entre média, na frequente convocação pelas novelas galegas de clássicos televisivos (*Twin Peaks*, *The Wire*, *The Sopranos*) que contribuíram para a ficcionalização global do crime, e no papel decisivo dos vários agentes literários na promoção do género, designadamente os tradutores, e as Editoras: tais como a Editorial Xerais e a Editorial Galaxia, não por acaso aquela em que se publicam estas *Cartografias*. Outras considerações do ensaísta giram em torno das traduções para castelhano dos policiais viguenses e das tensões e/ou interseções geradas entre referentes culturais e geográficos autóctones e regionais em relação ao campo cultural espanhol.

Um terceiro e último caso analisado de condicionamento recíproco entre o cenário e a história é o da narcotráfico galega, localizada na costa oeste das Rias Baixas (tendo a ria de Arousa como epicentro), espaço real do trânsito transatlântico de cocaína com a América Latina e os cartéis colombianos de ‘piratas modernos’ (recordam-se os nomes de Pablo Escobar, dos irmãos Orejuela, de Chapo Guzmán), contrabando que ocorreu sobretudo durante o pós-franquismo dos anos 80 e 90 do século passado. Bem delineado pelo autor é, aliás, um outro tipo de intertexto que no caso da narcoliteratura se insinua não só com o teatro, o cinema e a TV (com séries que transitaram dos canais de TV espanhola para plataformas internacionais

como a Netflix, alcançando enorme projeção à escala mundial: *Fariña*, *Vivir sin permiso*), mas também com o jornalismo. A série *Fariña*, cuja adaptação televisiva foi da responsabilidade de uma companhia madrilena (ainda que selecionando atores galegos), com expectáveis consequências no debate sobre a ‘galegalidade’ do produto, resultou, como recorda o autor, da adaptação do livro homónimo de investigação jornalística do autor corunhês Nacho Carretero. O livro de Carretero, publicado em 2015 em castelhano (e só mais tarde em galego) e objeto posterior de censura – o que esteve na origem do seu grande *boom* mediático e da sua adaptação para televisão, para teatro e para o *comic* – configura, como argumenta Núñez Sabarís, um verdadeiro produto transmédia.

A posição moral ambígua entre vilão e benfeitor que a figura dos contrabandistas galegos granjeou é exemplarmente comentada pelo ensaísta que contrapõe a situação periférica, de abandono e carestia social e económica da Galiza – uma espécie de *Farwest* hollywoodesco onde prospera a lei do mais forte (*Vivir sin permiso e outras historias de Oeste: é este o título integral do romance de Manuel Rivas*) – ao incremento do poder económico e mediático trazido pelo contrabando de droga, uma atividade, tal como a pesqueira, largamente determinada pela própria posição geográfica e pela orografia da Galiza: ainda que os trágicos casos de toxicod dependência, fatal para muitos jovens galegos à época, apontasse limites negros a essa maior liberdade material. Mais uma vez se acentua no ensaio a crescente absorção pela narrativa galega dos reportórios e arquétipos globais do género capaz de projetarem, em termos de conteúdos e de audiências, um tipo de ficção ainda relativamente emergente. Uma das poucas exceções a esta regra, como recorda o ensaísta, será a recentíssima película *Quien a hierro mata*, 2019 (dirigida por Paco Plaza) que

introduz, no âmbito da narcotráfico, a temática social da doença e do vício da droga, refletindo preocupações muito atuais, embora conservando-se a estética geral do *western* já apontada.

Mantendo-se fiel a uma perspetiva convergente que observa e articula entre si o dentro e o fora dos objetos e produtos criativos, os textos, os contextos e os intertextos, Núñez Sabarís analisa e debate com indiscutível argumento e interesse aspetos e dificuldades de promoção e divulgação, exigências de mercado, regras das indústrias culturais, em paralelo com especificidades dos géneros artísticos, exigências e limitações dos distintos média criativos ou transformações e liberdades envolvidas em casos de adaptações ou transposições intermédia. Como ideia-*pivot* destas cartografias está a demonstração de uma ‘viragem’ da narrativa galega contemporânea em direção a processos criativos de aceitação global por um público mais numeroso e heterogéneo, processos também mais compatíveis com o entretenimento e as indústrias do lazer, sem, contudo, comprometerem definitivamente o perfil identitário e cultural galego. E ainda sem que os repertórios, estéticas e imaginários literários da literatura mais clássica ou mais canónica deixem de intervir como intertexto de fundo e intertexto legitimador nessas novas narrativas transmediais.

Ao longo do seu anterior trabalho académico no domínio das séries televisivas de grande consumo internacional (*Black Mirror*, *Breaking Bad*, *Narcos*, ...), o investigador destacara já a presença de importantes intertextos literários com autores ‘clássicos’ ou canónicos como Cervantes, Borges ou mesmo Shakespeare. No fundo, trata-se de repensar, uma vez mais, o confronto entre as dimensões da arte e do mercado num contexto contemporâneo em que a literatura encontra novos meios e formas de configuração e expansão no domínio digital e intermedial e é obrigada a

repensar-se enquanto expressão situável entre o local e o global, entre o regional, o nacional e/ou o mundial. Estas *Cartografias* recolocam assim, abrindo-a a novos contextos culturais e transmediais, a ideia e os dilemas da *Weltliteratur*, mapeando importantes alterações de comportamentos da parte de autores e leitores (ou de ‘prosumidores’), cartografando novos contextos culturais e novos públicos, e contribuindo, com muito oportunas reflexões e questões de investigação, para um diagnóstico sistémico da cultura galega capaz de nos fornecer chaves de leitura para a “literatura do presente e [a] cultura do futuro” (p. 142).

DOI: 10.21814/2i.3464